

“POR QUE ESQUECEMOS O QUE PRECISAMOS LEMBRAR?” – CARTOGRAFANDO LUGARES E MEMÓRIAS LGBTQIA+ EM SIRIJÍ – PE

Anderson Tafarel de Brito Férrer

Pós-graduando em Geografia e Meio Ambiente pela FAVENI (Faculdade de Venda Nova do Imigrante), andersontafarel16@hotmail.com;

Túlio Vinícius Andrade Souza

Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGpsi – UFPE), tulio.andrade09@gmail.com.

Resumo

Sirijí, distrito do Município de São Vicente Férrer, interior do estado de Pernambuco, 120 km da Capital. Apesar da aparente facilidade no deslocamento até a região metropolitana de Recife, muitos são os fatores que distanciam os modos de vida dos indivíduos sirijienses, majorando populações historicamente vulnerabilizadas, como a LGBTQIA+. Essa afirmação pode ser ratificada a partir do entendimento que o cenário metropolitano proporciona inúmeras possibilidades para que essa comunidade tenha o acesso, a garantia da permanência (e a segurança) em espaços que tradicionalmente obedecem a lógica hegemônica da cis-heteronormatividade. Isso porque, através de um processo de ressignificação, os sujeitos se apropriam desses espaços e passam a chamá-los de “meu” (lugar), através do consumo, lazer e sociabilidade. Entendemos que o lugar surge através da afetividade que os seres humanos constroem para com o espaço, sobretudo os de convivência. A proposta do presente trabalho, mediante referencial teórico-epistemológico da Geografia das Sexualidades, foi cartografar lugares e memórias que versem amplamente sobre vivências gênero-sexo

dissidentes em Sirijí, buscando entender, também, as articulações entre espaço-lugar construídas pela população LGBTQIA+. Diante das investigações *in loco*, constatou-se a ausência de referências acerca de memórias dissidentes, ou seja, da existência de pessoas que se identificam/ram, publicamente, como parte desta população. Conseqüentemente, a falta de sujeitos denuncia, também, a inexistência de coletivos/movimentos e representações e, portanto, de memórias. Infere-se, com isso, a necessidade da construção de um movimento representativo para o registro das atuais vivências, conservando-as e possibilitando futuras pesquisas.

Palavras-chave: Sirijí, LGBTQIA+, Memória, Lugar, Cartografia.

Introdução

“Por que esquecemos o que precisamos lembrar?” surge a partir de inquietações por meio de conversas, diálogos, vivências e experiências do que significa ser um corpo desobediente à cisheteronormatividade, sobretudo ao se considerar o contexto de interior, no sentido espacial/geográfico, em relação à metrópole. Esta indagação aponta as dificuldades existentes entre os porquês de esquecer e/ou lembrar, e desperta, a partir da busca incessante por respostas, o interesse em se debruçar no universo das memórias, caminhos e possibilidades – ou pelo menos tentativas – de, para além de preencher as lacunas, dar um novo sentido a elas; ressignificações.

Este trabalho é, antes de tudo, uma oportunidade para mudança de um viés estrutural e institucional, pois faz parte de uma luta diária e constante para tornar visível a luta de uma comunidade que, historicamente, é ameaçada, violentada e tornada invisível diante de um sistema hétero, branco, cristão e cis-normativo (BUTLER, 2003), que elenca corpos LGBTQIA+¹ como dissidentes, desobedientes e transgressores ao padrão.

Buscar memórias da comunidade antes citada, principalmente no contexto de interior já apresentado, por meio da cartografia de lugares que versem amplamente sobre vivências gênero-sexo dissidentes em Sirijí, manifesta-se como sendo o objetivo central no desenvolvimento desta pesquisa e alimenta as razões para o processo de construção onde as atuais (e futuras) memórias possam ser capturadas, mas jamais enclausuradas; capturadas no sentido de registrar, marcar, escrever e lembrar, não permitindo seu arquivamento ou esquecimento, propiciando a oportunidade para que futuras gerações tenham acesso sobre quem aqui aprendeu não apenas a sobreviver, mas a viver tendo a felicidade de ser quem é como garantia deste sentimento.

Esta proposta é particular ao distrito de Sirijí, município de São Vicente Férrer, mas é visível no sentido de inspirar o desenvolvimento de iniciativas semelhantes em outros contextos de interior, pois

1 A sigla LGBTQIA+ refere-se à população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e outros grupos e variações de gênero e sexualidades que não se enquadram/identificam na cisheteronormatividade.

estimula a prática de conservar memórias e preservar a vida e a realidade de diferentes gerações.

É, portanto, um caminho tortuoso que vem sendo trilhado com inúmeras dificuldades, mas com esperanças, pois a tentativa de resgatar memórias com a intenção de contá-las e preservá-las revelam a importância, ou seja, a justificativa para conservá-las. Desta feita, a luz de justificar essa iniciativa reside no enfrentamento à violência que o esquecimento e as ausências produzem à comunidade LGBTQIA+ de um lugar do interior do estado de Pernambuco, neste caso, o distrito ora mencionado.

Justifica-se este trabalho também, a partir da necessidade de garantir que futuras gerações tenham acesso a um referencial LGBTQIA+ representativo sobre as vivências sexo-gênero dissidentes que aqui acontecem e que são capazes de estimular a fabricação de lugares e cotidianos que, no não cumprimento a ordem cis-heteronormativa, são capazes de gerar o sentimento de pertencimento seguido do acesso e permanência a ambientes que, através da apropriação, não apenas podem, mas deve ser chamados de “meu/seu/nosso”.

O campo de produção acadêmica na geografia é um terreno engendrado pelas relações de poder, logo denuncia o privilégio de alguns grupos em detrimento a outros, pois esta hierarquia, além de estabelecer o domínio da fala, escrita e produção para alguns, dificulta ou até mina as expressões e vivências espaciais de grupos desobedientes, o que leva a diversas ausências.

Nas palavras de Joseli (2009),

A razão das ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas especialidades (JOSELI, 2009, p. 26)

Desta forma, torna-se necessária a produção de discursos não conservadores, tampouco hegemônicos, entendendo discurso segundo Foucault (2003), ou seja, como dispositivo que produz e reproduz dinâmicas de poder, para então fortalecer a construção de uma geografia plural que contemple as múltiplas configurações humanas (BORGUI, 2015).

Sendo amparada pela construção de uma “Geografia das Sexualidades”, onde esta preocupa-se em se produzir a partir de noções, conceitos e categorias-chave para a geografia, como espaço, paisagem, região, território, lugar e as múltiplas possibilidades em analisar como essas noções e conceitos fazem parte do dia a dia de grupos sociais específicos, como é o caso deste trabalho, ao considerar o grupo LGBTQIA+. Nesse sentido, consideramos essa comunidade como parte principal para entender os porquês da invisibilidade, negligência e no pior dos casos, a violência, que galgamos cada vez mais para a fuga dos padrões hegemônicos e a não hierarquização dos corpos, tendo as dissidências como justificativa para estas exclusões.

Metodologia

A presente investigação ancora-se na proposta de uma pesquisa exploratória, pois tem como pretensão o conhecimento mais aprofundado de determinado fato ou fenômeno. Neste tipo de pesquisa, a “principal finalidade é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27).

Além disso, nossa proposta metodológica parte de uma abordagem qualitativa, que dá visibilidade aos passos da pesquisa e ao material que é encontrado/produzido durante o percurso, pensando o processo de análise como não possível de redução a demonstração através de números. Dessa maneira, também, sobre a análise de dados qualitativos, deve acontecer a sintetização de informações, identificação de temas e a categorização de informações, que devem ser agrupadas e registradas a partir das observações sobre processos narrativos e dados secundários coletados (SHAUGHNESSY, ZECHMEISTER & ZECHMEISTER, 2012).

Nesse escopo, ainda, pensamos uma pesquisa qualitativa de inspiração cartográfica, ou seja,

O desafio proposto é exercitar a capacidade de manter o pensamento aberto, num esforço permanente de deixar-se guiar pelos acontecimentos e pelos processos que eles revelam e desencadeiam, sem, contudo, perder de vista o foco e os objetivos da pesquisa. Porém, nesse referencial metodológico, as metas a serem alcançadas são móveis e flexíveis, porque é a

experiência do caminhar da pesquisa que tem a primazia (SOUZA, 2019, p. 79).

Considerando o supracitado, então, este trabalho vem se concretizando a partir da percepção que as ausências, no que diz respeito a falta de representação de vivências, memórias e, conseqüentemente, de registros, tornava cada vez mais uma comunidade que historicamente sempre foi negligenciada, e se tratando do contexto de interior, além de negligenciada, esquecida, invisível.

Portanto, a metodologia da presente pesquisa fundamenta-se em leituras de cunho teórico-epistemológico da “Geografia das Sexualidades”, encarada como uma geografia subversiva e que instiga a fabricação do conhecimento sobre a produção das vivências de corpos tidos como dissidentes, em lugares que teoricamente podem ser chamados de “meu”, “seu”, “nosso”, mas que, via de regra, são lhes negados o direito à pertence-los.

Adiante, tendo em vista as possibilidades para o entendimento de que as leituras realizadas no processo de desenvolvimento desta pesquisa podem ser visualizadas no campo das práticas, a estrutura basilar desta proposta vem sendo a realização de visitas a órgãos públicos em funcionamento. É importante considerar que, atualmente, estamos vivenciando cenários de isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19 e, portanto, alguns locais estão fechados. Seguindo todos os protocolos sanitários, algumas visitas técnicas foram realizadas à biblioteca pública municipal, objetivando encontrar vestígios que contem a história do protagonismo LGBTQIA+ no distrito de Sirijí, de forma individual, considerando sujeitos e/ou de forma coletiva, tendo em vista a formação de grupos, coletivos e movimentos.

Em adicional, no entanto, considerando a possibilidade de multiplicidade em estratégias metodológicas, que enriquece o fazer científico, nos munimos das nossas trajetórias de vida, perpassadas no contexto de desenvolvimento deste trabalho, inspirados em uma perspectiva autobiográfica, para pensar incursões iniciais sobre nosso objeto de pesquisa.

Resultados e discussão

A partir do andamento dos procedimentos metodologicamente descritos, nos percebemos em um cenário de insuficiência de informações, por dois lados. De um deles, a restrição para acessar as

possibilidades de encontrar dados nos arquivos municipais; de outro, os dados que tivemos acesso, por sua vez, não apresentavam informações relevantes para o nosso escopo. Isso pode indicar, portanto, uma constatação prévia da ausência de memórias registradas, importantíssimas para a construção de debates que versem sobre a temática em questão.

Como uma das nossas pretensões ia além de cartografar memórias, mas também lugares que versassem amplamente sobre vivências gênero-sexo dissidentes em Sirijí, buscando entender as articulações entre espaço-lugar construídas pela população LGBTQIA+, mais uma vez, pelo cenário do isolamento social, apenas conseguimos pensar no plano teórico do que se é narrado ou das nossas vivências anteriores. Para concretização de análises mais aprofundadas, precisaremos frequentar ambientes onde a materialização da vida pública em Sirijí é possível a todos e todas sem distinções, como as praças públicas, estabelecimentos que possibilitem a reunião, o encontro e a “cacho-eira”, aqui compreendida como patrimônio natural de Sirijí. Narramos, portanto, as vivências e experiências que foram possíveis em tempos adversos.

Entendemos, também, que seguindo a lógica deste texto, antes de explorar a articulação dos nossos resultados, é importante dar margem ao conceito de espaço e lugar como possibilidade de compreensão dos dados e, portanto, apoiamos-nos em Santos (2006), quando explica que “[...] o espaço é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (p. 39) e, com isso, o espaço está sempre em movimento diante das transformações socioespaciais.

Os sistemas de objetos referem-se aos equipamentos que estão fixos no espaço – e para o nosso trabalho, consideramos fixos os equipamentos como praças públicas, lanchonetes e patrimônios culturais/naturais que incitam o encontro, considerando o fluxo de pessoas e informações, que estão em movimento nesses espaços, como sistemas de ações. Desta maneira, o espaço reinventa-se à medida que diferentes sujeitos e grupos frequentam, em diferentes ritmos e temporalidades. Pensar esses espaços diante de sua ocupação nos faz reavaliar as inúmeras possibilidades para usos e apropriações, onde os sujeitos frequentadores imprimem seus sentimentos, afetividades e, por conseguinte, sua/s identidade/s e *vis a vis* vão transformando a realidade desses espaços.

É esta capacidade de transformação espacial, tendo em vista a necessidade de cada um, que surge a apropriação dos lugares, entendendo o conceito de lugar apoiado em Tuan (1983), quando coloca-se que a apropriação de determinado espaço para o sentido de lugar é, também, uma resposta ao sentimento e imaginação às necessidades humanas e fundamentais e, portanto, o lugar emerge a partir do elo afetivo dos sujeitos em relação ao espaço ocupado.

Feitos os esclarecimentos e levando em consideração o recorte espacial que atribuímos aos lugares em Sirijí diante de nossas realidades gênero-sexo dissidente, elencamos três lugares do nosso convívio: 1) a praça José Nilo; 2) os entornos de uma lanchonete próxima a quadra poliesportiva e 3) a cachoeira do Engenho Patos. Aqui, convívio deve ser entendido na esfera de lugares que fazem parte do nosso cotidiano enquanto sujeitos afirmados como LGBTQIA+ e, ainda, que conseguimos nos apropriar destes espaços, tendo nossos corpos como garantia da materialização da nossa vida pública, ou seja, conseguimos – empenhando muitos esforços –, chamar de meu (nosso) os espaços/lugares antes citados.

Tratando-se do primeiro exemplo, é necessário ressaltar que a praça José Nilo é um espaço público localizado na área central do distrito de Sirijí. No seu entorno é possível encontrar os principais estabelecimentos comerciais, do ponto de vista econômico e, também, o espaço designado para a realização da feira pública municipal. Com relação aos usos e apropriações na/da praça, foi possível verificar que o período que se estende do final da tarde ao noturno é o mais frequentado, sobretudo nos finais de semana, pois existe um “*point* de espetinho” alocado e que atrai os sujeitos que trabalham nas imediações da praça.

No entanto, é preocupação do trabalho levar em consideração a atuação da comunidade tida como dissidente a esses espaços, justamente por não obedecer a ordem cisheteronormatividade e, como resultado dessa vivência, conseguimos analisar que o público que se afirma como LGBTQIA+ enxerga na praça um espaço para consumo ao lazer, em virtude de ser um lugar estética e ambientalmente arborizado e com possibilidade para a reunião, sobretudo quando a ocupação se dá por meio da necessidade de se ter espaços para o consumo de bebidas alcoólicas que não sejam em estabelecimentos convencionais (bares). O problema, aqui compreendido como ponto negativo, reside na falta de segurança pública, o que transforma um

espaço público, muitas vezes, num campo minado hostil e que desequilibra o bem estar/conforto dos referidos sujeitos.

Com relação ao segundo exemplo, os entornos de uma lanchonete próxima a quadra poliesportiva, compreendemos como um território que atrai diversos públicos diariamente, porém, assim como no primeiro exemplo, os dias mais frequentados são os do final de semana, sábado e domingo. Acreditamos que essa dinâmica ocorre em função da disponibilidade das pessoas. Este espaço é muito frequentado por diversos sujeitos, de diferentes gênero e sexualidades e é nesta diversidade – e considerando a falta de disponibilidade de outros espaços, que enxergamos um ambiente onde o medo e outros estigmas, acompanhados da violência e hostilidade, foram resignificados a um lugar que podemos chamar de meu (nosso), tendo o nosso corpo e a materialização das nossas vontades como estratégia para a nossa sobrevivência.

Desta feita, muitas pessoas se deslocam, inclusive de outras localidades, até o território supramencionado, para curtir sua tarde/noite no ambiente. O problema espacial que constatamos é que, além de estarmos num período de isolamento social, as pessoas estão aglomerando devido a presença de diversos sons automotivos que se reúnem no entorno deste espaço, reproduzindo uma espécie de “disputa de sons” e, muitas vezes acontecem intervenções policiais, pois a poluição sonora perturba a vizinhança, que se sente incomodada com o barulho, intromissão e ressonâncias produzidas pelo excessivo volume. Sabemos, também, que essas intervenções policiais são seletivas e enxergam corpos negros, periféricos e pobres como seu principal alvo. Percebemos, ainda, que a presença de corpos LGBTQIA+ também incomoda e é alvo de abordagens diferenciadas, o que pode ser interpretado como uma reprodução de preconceitos institucionalizados.

Outra constatação reside no fato de que diferentes grupos também se apropriaram deste espaço para a delimitação de seus territórios, como é o caso do território de drogas e de prostituição e, muitas vezes, acontecem conflitos intragrupos – ou com grupos distintos, implicando a percepção e enquadramento deste local como reprodutor de uma violência generalizada, que afeta quaisquer pessoas que lá estejam.

Por fim, o terceiro exemplo citado (que consideramos relevante no escopo desta investigação) é a cachoeira de Patos, localizada no

Engenho que recebe o mesmo nome e que faz parte do distrito Sirijí. A cachoeira é um patrimônio natural, pois é uma queda d'água transformada numa espécie de piscina, sendo permitida a entrada para banhos e lazer.

O responsável pelo espaço é o proprietário do Engenho Patos e que, diante de alguns acontecimentos passados, como depredação do ambiente natural, restringiu o horário de abertura e fechamento do local. Desta forma, ela pode ser frequentada entre o período da manhã até às 17 horas. Este lugar é muito frequentado pela comunidade LGBTQIA+, pois é uma área rural cujo acesso é por “estrada de terra” não asfaltada e que dista 2km em relação ao centro de Sirijí, portanto, é uma área mais distante e reservada. Os referidos argumentos nos levam ao entendimento de que, por ser uma área mais distante do centro, as pessoas interpretam como possibilidades de experimentar vivências sem carregar o medo de ter suas ações expostas ao público, já que a cachoeira parece carregar esse imaginário de espaço mais reservado, sem acesso popular massivo e intenso em horários pré-definidos.

Considerações finais

Ao passo em que se estuda a importância da construção de memórias como garantia da construção de histórias de vida, de realidades, de narrativas, entende-se, dentro de um esforço, a necessidade de registros destas, numa tentativa de visibilizar corpos que historicamente sempre foram lhes negados o direito a existência.

Pensar em considerações finais para este trabalho é encerrar uma etapa que jamais pode ser encarada como o fim, pois colocar um ponto final em histórias que amargamente sempre foram silenciadas, é compactuar com uma violência velada, que no pior dos casos, contribui com os índices de assassinato a pessoas da comunidade LGBTQIA+. Desta maneira, este trabalho não finda, pois, salvaguardar esta população deve ser um dever de todos/as e este trabalho contribuiu e ainda continuará contribuindo para a construção de museus de memórias que contem e recontem, através de pessoas, lugares e cotidianos, histórias de vida que precisam ser lembradas e relembradas.

Dessa maneira, como nossa pesquisa se propõe a realizar observações e pesquisas *in loco*, não podemos deixar de pontuar as fragilidades, por ora, do nosso trabalho, considerando os atravessamentos da

pandemia do novo coronavírus no nosso fazer científico. No entanto, enxergamos veementemente que a partir do momento que iniciamos as discussões sobre essas temáticas em congressos, rodas de conversa e em outras oportunidades, estamos registrando vivências e, por conseguinte, documentando memórias, que perfazem justamente as maiores dificuldades que estamos enfrentando.

Nossas considerações finais, portanto, são iniciais. O início de um movimento de pessoas que querem visibilizar os múltiplos processos de indivíduos gênero-sexo dissidentes em uma comunidade do interior. Não apenas os processos, mas a existência e resistência de corpos transgressores que insistem em não se submeter a uma norma socialmente instituída e extremamente presente no cotidiano da população brasileira.

Referências

BORGUI, Rachele. “O espaço à época do queer na geografia francesa”. In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, V. 6, nº 2, p. 133-146, ago./dez 2015.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 15ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: edições Graal, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SHAUGHNESSY, John. J., ZECHMEISTER, Eugene. B., & ZECHMEISTER, Jeanne. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. McGraw Hill. 9º ed. Porto Alegre: AMGH Editora LTDA, 2012.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1º. ed. Paraná: TODAPALAVRA, 2009.

SOUZA, Severino Ramos Lima de. **A visita domiciliar como uma das possibilidades de prática psicológica em instituições da assistência social.** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

TUAN, F. **Espaço e lugar.** São Paulo: DIFGL, 1983.